

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO- CCAE
CAMPUS IV – LITORAL NORTE
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS- DCSA
BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA**

DAVID DO NASCIMENTO PAIVA FILHO

A CENA MUSICAL ALTERNATIVA:
Uma análise da sua sobrevivência no interior da Paraíba

**RIO TINTO – PB
2019**

DAVID DO NASCIMENTO PAIVA FILHO

A CENA MUSICAL ALTERNATIVA:

Uma análise da sua sobrevivência no interior da Paraíba

Artigo apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba, em atendimento às exigências para obtenção do Grau de Bacharel em Antropologia.

Orientador: Prof. Dr. Marco Aurélio Paz Tella

**RIO TINTO
2019**

DAVID DO NASCIMENTO PAIVA FILHO

A CENA MUSICAL ALTERNATIVA:

Uma análise da sua sobrevivência no interior da Paraíba

Artigo julgado e aprovado em 03/10/2019

Comissão Examinadora

Prof.º Dr. Marco Aurélio Paz Tella
Orientador

Prof.ª Alessa C. P. Sousa
Examinador

Prof.º Phelipe Caldas
Examinador*

**RIO TINTO – PB
2019**

A CENA MUSICAL ALTERNATIVA: Uma análise da cena e da sua sobrevivência no interior da Paraíba

THE ALTERNATIVE MUSICAL SCENE: An analysis of the scene and its survival inside Paraíba

David do Nascimento Paiva Filho
Marco Aurelio Paz Tella

Resumo: O presente artigo busca explicar e problematizar importantes aspectos dos sujeitos pertencentes a cena musical alternativa do rock na cidade de Mamanguape, buscando entender suas características culturais e os processos identitários que cercam tais sujeitos. Além disso, traremos a luz, as bandas e eventos protagonistas do conteúdo para consumo e a problemática da reprodução cultural. Nos desdobramos em dois aspectos principais, o primeiro é mostrar a cena enquanto movimento cultural e a segunda entender como a cena se apropria dos espaços urbanos e se reproduz. A proposta não apenas se baseia nestes dois aspectos, mas é a partir dessa proposta que podemos adentrar de forma mais significativa para o entendimento de toda essa dinâmica cultural.

Palavras-chave: cena. cultura. Rock.

Abstract: This article seeks to explain and problematize important aspects of the subjects belonging to the alternative rock music scene in the city of Mamanguape, seeking to understand their cultural characteristics and the identity processes that surround these subjects. In addition, we will bring the light, the bands and protagonist events of consumer content and the problem of cultural reproduction. We unfold into two main aspects, the first is to show the scene as a cultural movement and the second to understand how the scene appropriates urban spaces and reproduces itself. The proposal is not only based on these two aspects, but it is from this proposal that we can most significantly enter into the understanding of all this cultural dynamic.

Keywords: scene. culture. rock.

INTRODUÇÃO

Durante os anos de 2005 a 2015, a cena alternativa do rock da cidade de Mamanguape passou por várias mudanças, principalmente quando analisamos todo o movimento cultural gerado em seu entorno. Todo esse processo durante os anos chamou a atenção de muitos indivíduos, fazendo com que mudassem seus hábitos e também lugares que normalmente frequentavam, tendo uma maior abrangência dos espaços construídos através do tempo de acontecimentos da cena. O que chamo de cena alternativa do rock é o movimento que gera oferta e consumo de uma cultura que se difere da cultura massa local, uma opção para os sujeitos que desejam fugir do óbvio da cidade¹.

Durante esses 10 anos, tivemos uma grande amostra da força que a cena pode trazer para a cidade, assim acarretando o surgimento de vários eventos e bandas durante esses anos.

O gênero musical do *rock* tem uma participação e protagonismo para a cena alternativa, pois é o gênero com mais destaque em todas os episódios descritos neste trabalho. O *rock* influenciou muitos jovens e adultos sendo eu um desses, me trazendo para dentro da cena e me tornando membro e produtor de conteúdo para consumo musical.

Com o aumento de novos adeptos ao gosto deste estilo musical, surgia a necessidade de manutenção e reprodução do gênero, essencial para que o consumo cultural musical fosse saciado. Assim, toda uma grande movimentação começou a ser gerada, estabelecimentos comerciais como por exemplo os bares que fazem parte do “pacote” que compõe os eventos e lugares de encontro, que com um viés alternativo direcionado a gêneros como *rock*, *reggae*, foram atraindo os olhares e fazendo com que novos espaços fossem utilizados e ressignificados, espaços públicos, como por exemplo as praças. Então a cena começa a se estabelecer.

Porém com o decorrer do anos 2000 a 2005 o cenário foi mudando e toda movimentação cultural começou a se fragilizar. Ocorreu uma queda nas oportunidades de shows que eram geradas pelos bares, festas e uma maior dispersão dos indivíduos nos espaços onde a cena atuava. Devagar, tudo foi ficando estagnado. Mesmo com essa estagnação ainda existiam pequenos grupos de pessoas que movimentava a cena e continuava sustentando-a, então surgiu a necessidade de estudar e documentar esse pequeno movimento que por sua vez sustentava a cena.

O que esse trabalho busca trazer é um olhar mais atento para a cena musical alternativa do *rock* da cidade de Mamanguape, analisando os aparatos usados pelos sujeitos produtores e consumidores de conteúdo e como esses sujeitos se apropriam de espaços urbanos e equipamentos públicos e privados para estabelecer a cena alternativa.

¹ As cidades tendem a ofertar tradicionalmente musicalidade e eventos de gêneros predominantes da massa, em nosso caso é o forró, logo a busca pelo que não é óbvio significa buscar algo que diverge desse padrão.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O CAMPO

Todos os fatos e dados de campo presentes neste trabalho foram obtidos na pesquisa de campo realizada entre 2016 e 2019 na cidade de Mamanguape. Localizada a quase 50km de João Pessoa no litoral norte da Paraíba, Mamanguape possui por volta de 45 mil habitantes de acordo com o último censo do IBGE/2018. É nessa cidade onde estão meus principais interlocutores da pesquisa, membros e ex-membros de algumas bandas como MUDBLOOD, NEWBAND, PONTO LETAL e PLANO ALTO, pessoas inseridas no meio cultural, adeptos da cena. Meus interlocutores são jovens e adultos, homens e mulheres, brancos e negros, com faixa etária entre 18 e 35 anos, pertencentes a classe baixa e média, todos residentes da cidade de Mamanguape.

Na minha pesquisa de campo visitei espaços como praças, estabelecimentos e eventos públicos e privados. Além da observação participativa destes espaços, a entrevista foi outra importante via de coleta de dados. É interessante destacar que meus interlocutores seguem gêneros musicais diferentes e ainda assim transitavam dentro da mesma cena, mesmo com visões de mundo, perfil político e social, perfis econômicos, distintos, assim nos permitindo entender como é a vivência e a reprodução da cena.

A escolha do tema se deu pelo meu sentimento de pertencimento como músico da banda Plano Alto. Durante 5 anos participei como vocalista e pouco depois também como guitarrista/vocalista e, no fim dos trabalhos da banda comecei a trabalhar com eventos do gênero. Sou criador e fundador do evento Mamanguape *rock fest*, que teve 4 edições anuais na cidade, durante os anos de 2011 a 2014. Em 2015 fundei o *Blue Hell*, que foi um evento de porte menor, em que a ideia era trazer pequenas bandas e movimentar a cena. A partir destes eventos acompanhei muito do movimento concebidos nos últimos anos. As vivências e conversas geradas pelos intercâmbios culturais que tive o prazer de experimentar, também trouxeram muito da curiosidade pela pesquisa, pois a estrutura que temos aqui se difere bastante das que observamos em grandes centros urbanos, onde o público é muito maior e tem suas tribos voltadas para subgêneros específicos do rock. Mamanguape por sua vez tem peculiaridades que a destacam de outros municípios, ela tem uma cena pequena, porém mista, que consegue se moldar e sobreviver, isso faz parte do que gera a cena.

Também é de suma importância que venhamos a ter a noção do que chamamos de cena, pois a cena cultural que é uma das noções mais utilizadas segundo STRAW (2013, p.11), “é um termo que prospera nas conversas diárias sobre as cultura urbanas mas que, até recentemente, permanecia à margem dos textos acadêmicos”, aqui trataremos da cena musical que continuando, “são modos de teatralizar o consumo cultural, territorializando espaços e identidades a partir de práticas estéticas, econômicas e sociais que, não fosse suas rotulações e

autorrefereciações, poderiam passar por ruídos ou choques aos mais desavisados.”. (STRAW, 2013. p.11).

A cena cultural mamanguapense é muito vasta, existe uma diversidade imensa de categorias, como por exemplo a dança, como hip hop e quadrilhas juninas, a musical, quando falamos de corais, bandas, orquestras e músicos, a teatral através das escolas e grupos teatrais ligados à igreja, artesanal na produção de itens regionais. Aqui trataremos de analisar a cena musical alternativa do *rock*, onde se passa toda atividade deste trabalho, buscando entender seu funcionamento e modos de reprodução.

METODOLOGIA

De início traremos a primeira problemática, que é a imersão no campo e que foi uma proposta inovadora no último século, apresentadas por Malinowski em “Os argonautas do pacífico ocidental”, Geertz em “A interpretações das culturas” (1978) e outros pesquisadores, através da antropologia.

A tentativa de imersão dentro do que é conhecido, nos leva a uma barreira a ser quebrada/ultrapassada, o contato com a cidade e o grupo ao qual me sinto pertencente, poderia ser um problema, como analisado por vários autores outrora, pois colocaria os valores das minhas análises e pesquisa em questão. Desta forma o pesquisador deixaria passar inúmeros fatos que de certa forma seriam importantes para análise, pelo fato de ser algo comum ao dia-a-dia do pesquisador, porém volto o que Velho cita: “o que sempre vemos e encontramos pode ser familiar mas não é necessariamente conhecido e o que não vemos e encontramos pode ser exótico mas, até certo ponto, conhecido.”(VELHO, 1978, p. 126). Dentro do cenário do *rock*, temos uma gigantesca diversidade de gêneros musicais, ideologias políticas, ideologias de vida e visão do mundo que nem sempre se enquadram nos padrões ideológicos do pesquisador, assim tornando o campo produtivo.

Outro fator importante para esta pesquisa é a tentativa do uso do método auto etnográfico, apresentado pelo antropólogo Karl G Heider e logo após em 1979 pelo David Hayano onde segundo Cano e Opazo (2014, p. 149) usou o termo para se referir “ao estudo da cultura a que o pesquisador pertence”, dando continuidade, Cano e Opazo (2014, p. 149) citam Ellis, Adams e Bochner quando diz que a auto etnografia busca “valorizar a experiência do pesquisador através da descrição e análise sistemática para a maior compreensão dos aspectos do contexto ao qual pertence ou em que participa”.

A auto etnografia abordada transitará entre auto etnografia descritiva e em um segundo momento como auto etnografia analítica, onde a descritiva como o próprio nome diz, é focado em um âmbito mais descritivo sem muito aprofundamento, porém a qual pode ser

melhor desenvolvida posteriormente e aborda uma postura mais crítica, a analítica foca mais em uma ideia reflexiva da pesquisa e gera conhecimento a partir do tema em questão.

Os cuidados também devem ser tomados quanto a essa metodologia para que a pesquisa não se torne algo egocêntrico e vazio, pois a ideia é que esse tipo de abordagem potencialize a pesquisa dando mais notoriedade sobre o tema abordado, “a história pessoal deve se tornar o trampolim para uma compreensão maior.” Fortin (2009, p. 83).

Precisamos definir o que é cena, segundo Barry Shank (1994, p. 122) pode também ser definida como “uma comunidade excessivamente produtora de sentido”, pois todos os valores negociados através da interação social têm um padrão.

As cenas podem ser identificadas pela localização onde ocorrem, pelo gênero cultural produtor, pelas atividades e outros fatores, porém não há como enxergar apenas com um olhar distante toda a sua complexidade. Existe também uma grande densidade de informação que ocorre principalmente na cena, pois no centro dela “produz-se muito mais informação semiótica do que é possível analisar de modo racional” (SHANK, 1994. p.122). Por outro lado, as cenas musicais podem ser identificadas mais facilmente que outras cenas culturais, pois é mais fácil a produção e o consumo dela.

Um exemplo é o evento *Mamanguape Rock Fest* importante para a cena musical alternativa o *rock*. O evento marcou a história da cidade, trazendo-o para o *circuito* de eventos paraibanos de *rock*, devido ao período e frequência que ocorrera. O evento trouxe para Mamanguape turnês de bandas² paraibanas conhecidas em todo território nacional e internacional. Importante destacar como esse movimento de eventos influenciou os jovens da cidade e região, fortalecendo os laços sociais dentro da cena musical alternativa. Os eventos proporcionaram espaços para que bandas locais e de fora tocassem, de acordo com o interesse do público.

Este evento faz parte do circuito alternativo da cena musical, particularmente, do gênero *rock*. Os *circuitos* se caracterizam pelo “exercício de uma prática ou a oferta de determinado serviço por meio de estabelecimentos, equipamentos e espaços que não mantêm entre si uma relação de contiguidade espacial; ele é reconhecido em seu conjunto pelos usuários habituais.” (MAGNANI, 2005. p. 179) ou seja, os eventos, bares, shows geram demandas, com ofertas de tocasdas³ para as bandas que por meio de inscrição ou contrato verbal vinham se apresentar. Também é interessante ressaltar que a “a noção de *circuito* também designa um uso do espaço e dos equipamentos urbanos – possibilitando, por conseguinte, o exercício da sociabilidade por meio de encontros, comunicação, manejo de códigos –, porém de forma mais

² Banda Outona – João Pessoa-PB, Zefirina Bomba – JP, NEWBAND – Campina Grande-PB, Terrible Force – João Pessoa-PB, Hard Trio – Guarabira-PB, Dream on Road – Belém-PB

³ Tocado é o como chamamos os shows que apresentaremos ou que já foram apresentados, é o exercício da do show literalmente falando.

independente com relação ao espaço, sem se ater à contiguidade, como ocorre na mancha ou no pedaço.” (MAGNANI, 2005. p. 179).

É importante salientar que as informações coletadas no campo foram adquiridas em conversas informais, dentro de eventos, posteriormente adicionadas em meu caderno de campo, para não deixar que detalhes do conteúdo adquirido não se perdesse. As formas de relação se deram sempre acompanhado de uma bebida em meio as conversas, não que fosse o principal fator, mas sempre é comum quando se vai aos bares da região, pois é algo de meu costume e da maioria dos sujeitos que ali estavam. A maioria das entrevistas foram obtidas em eventos de *rock* nas cidades de Mamanguape, Rio Tinto-PB e João Pessoa-PB. Visitei eventos em muitos lugares, como Lagoa de Dentro *Rock Fest*, Grito *Rock* e Café com Poeira em Guarabira-PB, e um dos eventos cruciais para a noção dessa cena veio do GRITO ROCK⁴ que hoje se chama apenas GRITO⁵. O evento foi importante tanto para a pesquisa como pessoalmente, pois pude abrir mais o olhar e enxergar toda a multiplicidade de culturas, de gêneros musicais durante o evento.

Em Mamanguape usei todo material que tinha adquirido no decorrer dos eventos que produzi e do trabalho de campo, que de certa forma é muito do meu dia-a-dia e de outros sujeitos pesquisados. É importante salientar que os entrevistados formalmente consentiram no uso de seu nome verdadeiro e da gravação da entrevista, além das pessoas aqui citadas ao longo do trabalho.

1 O ROCK E UM POUCO DE SUA HISTÓRIA

O *rock* é um gênero musical que surgiu por volta dos anos 1940, revolucionando a ideia que normalmente se tinha sobre música, uma gigantesca gama de ideias surgiu com essa nova era do que viria a ser chamado de *rock*, e todas essas ideias que o *rock* proporcionou teve seu auge nos anos de 1970 e 1980 onde surgiram as bandas mais icônicas que representavam o estilo, desenvolvendo-se e se ramificando em inúmeros outros estilos musicais, como o *Heavy Metal*, *Thrash Metal*, *Indie Rock*, *Glam Rock*, *Punk Rock*, *Grunge*, *Rock Progressivo*, *Country Rock* e etc. Esses gêneros são importantíssimos até hoje quando o assunto é o *rock*, pois ao longo do tempo as divisões foram sendo feitas, criando grupos e tribos.

O *rock* teve seu surgimento com o *Rhythm & Blues*, a vertente negra do *rock*. O Blues é a junção do estilo musical negro e europeu, que tem uma sonoridade melancólica e é

⁴ O grito é o maior festival colaborativo integrado do mundo, na cidade de João Pessoa já está na sua 12ª edição levando dezenas de atrações para vários palcos no Centro Histórico da cidade, além de artes visuais, oficinas, foodpark e feira cultural, numa maratona cultural intensa e diversa. O evento é totalmente gratuito.

⁵ Um detalhe, a troca do nome GRITO ROCK para GRITO, tem um efeito abrangente, pois traz a noção de múltiplos gêneros musicais circulando o mesmo ambiente.

uma das principais bases para a revolução sonora nos anos de 1950. O *rhythm & blues* é um dos principais, senão a principal influência do surgimento do *rock*, com letras que enfatizam a revolta, a marca da história, as palavras de força e poder, tudo que rodeava o universo da sociedade negra, pois nos anos 50, o blues era a válvula de escape para eles, pois os métodos convencionais de protesto não eram permitidos.

O ‘rhythm and blues’ é a vertente negra do *Rock*. É ali que vamos buscar, quase que exclusivamente (e só digo quase por espírito científico), as origens corpóreas do *Rock*. Reprimidos pela sociedade ‘wasp (white, anglo-saxon and protestant)’, a mão-de-obra negra, desde os tempos da escravidão, se refugiava na música (os blues) e na dança para dar vazão, pelo corpo, ao protesto que as vias convencionais não permitiam. (CHACON, 1985, p. 24)

Nos anos 1950 tivemos o início da ascensão do Rei do *Rock*, Elvis Presley que teve seu auge dentro do mundo do *rock* principalmente nos anos 1960. Também surgiram bandas como *The Doors*, *Jimi Hendrix*, *Janis Joplin*, *Bob Dylan*, *Velvet Underground*, *Beatles*, *Rolling Stones*. Os *Beatles* e os *Rolling Stones* se tornam as primeiras bandas mais famosas do *Rock*, ambas expressam diferentes formas visuais e sonoras. *The Beatles* traziam músicas mais dançantes, visuais limpos, e em suas músicas uma tendência pacifista atrelada às suas letras, diferente do *Rolling Stones* com suas músicas ousadas, com ar de rebeldia e protesto, lembrando os cantos gritados (MUGGIATI, 1973).

No ano de 1960 temos o surgimento do *Rock Psicodélico* e do *Rock Progressivo*, vertentes que usavam do *Rock* de uma forma muito específica, pois abrange um novo leque de sons inspirados na cultura oriental, temáticas ligadas ao ocultismo e como o próprio nome sugere, a psicodelia, como referência temos a banda *Pink Floyd*, trazendo melodias que lembram as músicas eruditas, letras que ultrapassam os 15 minutos, efeitos visuais inéditos que surgiram junto com a banda, seu disco mais famoso foi “*The Dark Side Of The Moon*” (1973) e *The Wall* (1979) que até rendeu um filme em 1984. O movimento *Hippie* estava em ascensão nesta década, dominavam os espaços públicos contestando as questões culturais que estavam firmadas, fato que gerou os movimentos posteriores e posicionamentos ideológicos nas gerações seguintes, além do grande festival *WoodStock*, famoso até hoje pelos artistas que surgiram através desse grande evento.

No ano de 1970 temos o surgimento do *Heavy Metal* é um dos marcos mais importantes para a história do *Rock*, se torna não só um novo segmento, ele cria sua própria identidade, com vestimentas específicas, padrões específicos, músicas inovadoras, surgimento do *Hard Rock* e do grandíssimo movimento *punk* que até os dias de hoje se faz presente principalmente na Europa onde podemos comparar ao movimento *hippie* em termos

populacionais e ideológicos.

Ano de 1980, foi aí que o *rock* popular se diversificou, a Inglaterra entra com bandas que marcam até hoje a história do *Heavy Metal britânico*, mas não só isso, *Eddie Van Halen* trouxe muitas inovações musicais usando a guitarra, *David Lee e Freddie Mercury* estavam a frente do *Rock performático* desde o ano de 1970 e ao mesmo tempo uma nova onda *Pop* se torna popular com o *Billy Idol e The Go-Go's*. Esta foi a década com maior número de ramificações diferentes, ainda nessa mesma época o *Thrash Metal* surgiu, trazendo um som ainda mais agressivo, chamando a atenção do público *underground*, como referência temos as bandas *Metallica e Megadeth*, símbolos desse novo segmento.

Surge também o *glam metal*, influenciado por vários artistas do *Hard Rock e Heavy Metal* da década passada, tais como *Aerosmith, Queen, Alice Cooper, Sweet e New York Dolls*, influenciadas por elas se formaram muitas bandas, onde podemos destacar a *Skid Row, Poison,*

W.A.S.P. e outras, a mais famosa delas (porém formada no ano de 1960) a banda *Kiss* que ficou famosa pela indumentária, maquiagem e cabelos excessivos e gigantes, suas músicas que trazem geralmente temáticas focadas no sexo, drogas e bebidas.

Os anos de 1990 foram marcados por bandas com letras pessimistas, não deixando para trás bandas dos anos 1980, como *The Cure, The Smiths*, que traziam essa peculiaridade em suas letras na década passada, guitarras poderosas e músicas emergindo das garagens, o *Grunge* toma seu lugar em meio a história dos Estados Unidos (Seattle), com seu nome pouco convidativo, o *grunge* (sujo na língua inglesa) utilizou-se do seu nome como uma estratégia de marketing, para assim poder mostrar as bandas do cenário alternativo que surgiam na época, *Alice in Chains, Pearl Jam e Nirvana* são algumas delas.

O fim da década de 90 e o início dos anos 2000, pareciam marcar o fim de uma cultura única, tínhamos um número enorme de bandas desaparecendo e a cultura não sendo passada como antes, porém isso não ocorreu, uma nova gama de bandas nascia, o *new metal* aparece e traz de volta tudo aquilo que já estava sendo tomado como morto, bandas como *Korn, Slipknot, Linkin Park* e etc. o *funk metal* com *The Offspring e Green Day*, o *indie rock* com o *The Kilelrs, The Strokes, Artic Monkeys, Franz Ferninand* e outros, assim o rock estava voltando as rádios e ao toplist de músicas pelo mundo.

No Brasil o *rock* se disseminou acompanhando toda a trajetória do *rock* no mundo, tudo começou no final da década de 50 e o auge na década de 70, de acordo com Sabrina Kwazsko. Nora Ney, foi uma sambista, cantora de samba-canção, e com uma gravação feita da música do filme *Sementes da Violência* em 1955, logo após a música estava em primeiro lugar nas rádios. Outros nomes que não poderiam deixar de ser citados aqui, Roberto Carlos, Erasmo Carlos, Wanderleia, Tim Maia, Jorge Bem, que foram todos influenciados pelo *Rock and Roll*. O próprio Roberto Carlos criou músicas como “*SplishSplash*” lembrando as músicas do *rock*

do Elvis. No ano de 1950 foi uma mistura de pioneirismo e experimentalismo, já que em sua maioria eram apenas covers ou versões modificadas para o Brasil do que já existia no *rock*.

A jovem guarda e o tropicalismo são de fato os primeiros movimentos do *rock* brasileiro, emergindo no ano de 1960, a jovem guarda não tinha cunho político e nasceu de um programa da TV RECORD, os nomes já citados acima fazem parte dessa jovem guarda⁶.

O tropicalismo também surge nesta década, teve seu nome dado pelo Hélio Oiticica, artista plástico, essa então chamada grande revolução cultural não foi bem recebida pelos críticos e intelectuais. Os membros da movimento cultural eram chamados de alienados pelos críticos e intelectuais da época, e apenas décadas depois o movimento foi reconhecido com um legado cultural, muitos músicos e bandas participaram deste movimento, Hélio Oiticica, Caetano Veloso, Capinam, Gal Costa, Gilberto Gil, Glauber Rocha, Guilherme Araújo, Jards Macalé, Jorge Ben, Jorge Mautner, Júlio Medaglia, Lanny Gordin, Nara Leão, Os Mutantes, Rogério Duarte, Rogério Duprat, Tom Zé, Torquato Neto, Waly Salomão e Sérgio Sampaio.

Outros nomes também tiveram importância na década um deles foi Raul Seixas, que iniciou o grupo baiano Raulzito e os panteras, liderado pelo próprio Raul, que posteriormente se torna um ícone no *rock* brasileiro, sendo lembrando sempre em shows de *rock* com a icônica frase “toca raul”.

Depois do ano de 1970, o *rock* brasileiro tomou várias direções, um exemplo disso é a junção com o baião, o que trouxe uma nova cara para o *rock* brasileiro, sendo chamado como “*rock made in Brazil*”. Outro dos exemplos é o já citado Raul Seixas, que usava os ritmos nordestinos e não perdia a profundidade de sentimento do *rock*, antes disso o *rock* tinha se tornado um pop, definido por ser algo fraco, sem essência e sem coração, com o Raul, Rita Lee, Legião Urbana, Ira, Garotos Podres e etc, o *rock* em 1980 compuseram sucessos que são até hoje aclamados e as bandas tomados como ícones do *rock* brasileiro. Posteriormente bandas como Capital Inicial, Biquini Cavado, Skank, Jota Quest, Raimundos, tomaram as rédeas do *rock* brasileiro, relembrando e trazendo uma nova cara pro *rock* nacional.

Nos anos 1980/90 temos o surgimento de bandas importantíssimas para o lado do metal brasileiro, algumas delas são *Viper*, Angra como referência do *power metal* brasileiro tendo o magnífico cantor André Matos e a banda Sepultura como referência do *heavy metal*, que conquistaram o cenário do exterior, influenciando e sempre sendo exemplo de superação da dificuldade que o Brasil proporciona. No Brasil também eram muito famosos entre os metaleiros, porém o foco sempre foi o exterior, tanto é que todas as suas canções as letras são em língua estrangeira. Em Mamanguape temos um pouco das influências e de como ocorreu alguns fatores importantes para cena local.

⁶ Um fato interessante sobre a jovem guarda é que mesmo não tomando um lado político, seu nome foi retirado de um texto de Lenin, um revolucionário chefe russo, responsável por parte da revolução russa de 1917, onde usou a frase “O futuro pertence à jovem guarda, porque a velha está ultrapassada...”

A CENA EM MAMANGUAPE

Na cidade de Mamanguape segundo alguns relatos, apenas no ano de 1980, através da rádio universitária da UFPB (Campus I) situada na capital João Pessoa, os primeiros sujeitos mamanguapenses puderam ouvir o *rock* internacional, gêneros mais alternativos.

Porém o movimento ganha mais força no ano de 1990 com as fitas musicais e o CD que começava a ganhar espaço após seu lançamento nos anos 1980. Através principalmente do *Heavy Metal*, *Punk Rock*, *Power Metal*, *Hardcore*, *hard rock*, o *rock* nacional, *poprock* e outros o *rock* como *cena* começa a ganhar força. O primeiro evento do gênero se deu no atual Ginásio Irmãozão, trazendo as pessoas de diversas cidades do interior para o evento, bandas como Os Químicos vieram trazendo esse gênero para a cidade de uma forma mais leve, lembrando o *rock* brasileiro dos anos 1970 e 1980.

Porém esse ciclo se fechou no início dos anos 2000 onde apenas alguns adeptos ainda se aventuravam em busca de eventos de rock na capital e em outros lugares para poder assim desfrutar do gênero, pois na cidade não houveram outros eventos nem as mídias radialista traziam os programas nas rádios locais.

A partir do ano de 2005, as bandas de *rock/poprock* que foram surgindo, ganharam espaço entre os eventos que aconteciam inicialmente nas escolas, como por exemplo, feiras culturais promovidas por alunos, onde se criaram oportunidades para as bandas exporem seus conteúdos. Logo depois se popularizou uma quantidade de festas que ocorriam AABB Mamanguape e no Mamanguape Sport Club, organizadas por alunos concluintes de turmas de 3º do ensino médio, onde o palco era dividido com dj's e bandas de forró, até que tomaram o posto em alguns eventos como bandas principais. A cena do rock mamanguapense estava crescendo novamente, alguns nomes e bandas foram responsáveis por isso, um desses nomes é o Danillo Wagner, que já fez parte de vários projetos musicais solos, junto com outros músicos mamanguapenses e com a antiga banda ASCAM, uma das bandas de *rock* que marcou na história de muitos e até hoje é lembrada nas rodas de diálogo sobre a cena.

Com os *covers*⁷ de bandas como Barão Vermelho, Legião Urbana, Engenheiros do Hawaii, Capital Inicial, O Rappa, o Danillo dava o pontapé inicial para fase mais ativa da cena

⁷ Em sua maioria as bandas sempre usavam dos covers para poder ganhar espaço, pois canções de gêneros mais pesados do rock não eram bem aceitos, logo as bandas mais populares entre as pessoas eram incorporadas nos shows, para que pudessemos mostrar o trabalho e dedicação e assim até divulgar obras de própria autoria em meios aos eventos.

musical alternativa, a partir daí várias bandas locais foram se formando com influência das bandas e eventos musicais, uma delas foi a banda Plano Alto, banda essa que fiz parte entre os anos de 2007 e 2011, junto de nomes que migraram para outras bandas como o Amarante Júnior, que foi entrevistado por mim em uma de minhas visitas a sua casa.

Entrevisto com Amarante em 15 de maio de 2019: a gente conseguiu fazer um cenário alternativo funcional, uma coisa que a gente tocava e a galera ia ver a gente e sabia que era um show de *rock*, de reggae tá ligado de coisas assim, hardcore enfim, e a galera ia pra ver som que a gente fazia.

Em particular, os eventos acima também influenciaram diretamente na minha estrada para o meio musical do *rock*, queríamos expor as habilidades que tínhamos, o desejo de poder fazer nosso som. De início o foco não era fazer parte ou influenciar a cena musical alternativa, mas sim o desejo de tocar, de estar ali junto com a galera e curtir. Na entrevista feita com o Amarante Jr ele comenta um pouco sobre isso, vejamos:

Entrevista com Amarante em 15 de maio de 2019: Muita da nossa vontade de querer tocar e ter uma banda foi ver a galera que já fazia isso, pelo menos em mim, e essa galera essa sim esses caras entendeu? Querendo ou não é uma galera que eu comecei vendo tocar, pra mim é influência sim.

Mais pessoas estavam circulando por entre os espaços da cena, um novo ciclo se iniciava. Também nessa época os espaços públicos ao redor dos bares alternativos⁸ que surgiram na praça 13 de maio em Mamanguape nos anos de 2008 e 2013, ressignificando o uso do espaço público. O bar mundo da lua foi o último bar da categoria criado em Mamanguape, teve bastante influência na manutenção da cena. As vivências e experiências geradas no seu entorno criaram uma nova forma de uso do espaço da praça, mudando quase que totalmente o formato das pessoas que ali frequentavam. O projeto som na praça também foi um influenciador de muitos músicos que estão na ativa hoje no cenário, começou a partir do Danillo Wagner, onde convidamos músicos para tocar, cantar e gerar movimento nas praças, não existia caixas de som, microfones, nada elétrico, tudo era acústico, porém tempos depois de uma forma bem mais organizada, shows gratuitos foram sendo gerados buscando alimentos para um programa de caridade da região, aqui tinham toda uma estrutura de som para que a música e sonoridade pudesse chegar em toda a praça, logo o evento tomou enormes proporções, chegando a lotar a praça inteira para seus shows, inicialmente apenas o Danillo Wagner e banda faziam os eventos, e então o espaço criado trouxe muitos músicos e bandas para participar dos eventos.

⁸ Bares alternativos são aqueles que no seu funcionamento fogem dos padrões musicais regionais, nesse exemplo, o forró, esses bares têm um público mais específicos voltados a gêneros como pop, rock, reggae, rap e etc. Mundo da Lua e 13 Rock Bar, foram os que existiram durante meu ingresso na cena e pesquisa.



FOTOGRAFIA 1 – Bar Mundo da Lua, Alê Proprietário do Bar
FONTE: Página oficial do bar Facebook



FOTOGRAFIA 2 – Evento som na praça, praça 13 de maio.
Danillo Wagner, David Leão, Yago Almeida, Yuri Igor, Wellyson Costa
FONTE: Acervo Particular David Filho

O público consumidor não era específico. Toda musicalidade gerada pelas bandas locais perpassa por vários gêneros musicais, atraindo um público muito diversificado, por isso a dificuldade de definir como cena de um determinado gênero musical, como sendo do *rock*, do *pop*, do *reggae*.

Eventos de diversos gêneros ocorriam nos bares e espaços onde o público consumidor frequentava, em sua maioria lugares que não eram bem-vistos pelos moradores da cidade. A praça 13 de maio, já citada anteriormente, é um desses lugares. Apesar de que décadas atrás ter sido um dos lugares mais bem frequentados pelos moradores, havia cinema e outros estabelecimentos no entorno, com a falta de manutenção por parte do poder público e mudanças na cidade, a praça perdeu o movimento de um público específico e passou a ser frequentada por um público mais jovem e com hábitos estigmatizados por parte dos moradores da cidade. O espaço foi apropriado pela cena, no fim da tarde até a madrugada os indivíduos usavam do espaço para socializar e consumir o que era ofertado musicalmente. Podemos dizer que os

sujeitos da cena de certa forma modificam a “lógica interativa da vida pública a partir das diferentes apropriações dos lugares pelas práticas e pelas políticas cotidianas dos usos dos espaços urbanos” (LEITE, 2008, p. 130). Já que no período diurno, a praça é frequentada por comerciantes, pessoas de várias cidades, pois além de ficar ao lado da feira livre, o espaço contém quiosques com ofertas de almoço, churrascos e outros comércios.

Para tentarmos entender esse público, precisamos ver um pouco sobre o perfil social destes novos frequentadores da praça, precisamos observando suas características comuns e divergentes, seus códigos de reconhecimentos passam por um processo de minimização ou maximização dessas diferenças, fazendo com que se crie representações estigmatizadas sobre estes frequentadores.

Uma dessas formas de identificação ou códigos de reconhecimento é o *visual*, tratada também pelo José Machado PAIS (2006), que pode ser usada como um fator de identidade, pois se trata de uma “comunicação em que o corpo expressa símbolos de pertença”, facilitando o reconhecimento de determinados grupos, podemos citar rockeiros, reggaeros e outros. Na cena alternativa temos uma mistura de vários outros grupos menores, que ao se encontrarem acabam formando um grupo mais extenso com no mínimo uma finalidade em comum, a busca por eventos que fugisse do comum na cidade, eventos onde esse público pudesse fazer o que desejavam sem um julgamento. Já nos eventos e festivais de *rock* esse número cai bastante, pois podemos observar apenas grupos variados de subgêneros do *rock*. O *visual* nem sempre define o que está sendo observado como uma totalidade. Isso traz a análise sugerida por Maffesoli (1995) citada por Pais:

A lógica da identidade tem dado lugar à lógica de identificação. Enquanto a primeira está assentada numa individualização cimentada no tempo e no espaço, a segunda possibilita a existência de máscaras múltiplas e variáveis, fluidas e reconstruídas, em que a individualidade é uma construção frágil que se produz através da experimentação. (PAIS 2006, p. 38)

Vale ressaltar que nos eventos alternativos de *rock* esse quadro já não ocorre dessa forma, o *visual* acaba sendo um fator determinante na identificação dos sujeitos, caracterizados por roupas predominantemente pretas, correntes, bandanas, coturnos e diversos acessórios. Também podemos identificar alguns grupos quando analisamos um evento alternativo que abrangem muitos gêneros musicais, porém a dificuldade aumenta, alguns fatores passam despercebidos aos olhos, mas não daqueles que buscam significados.

Tajfel (1978) explica que a categorização social vem de três componentes psicológicos: um componente cognitivo onde o indivíduo se conhece como pertencente, um componente avaliativo quando colocamos a ideia de uma dimensão de valor e um componente

emocional que é a soma dos fatos ocorridos durante os componentes anteriores. A cena musical alternativa mamanguapense, vem de uma mistura de vários gêneros musicais, pois para se fortalecer e manter as estruturas de pé, os indivíduos produtores de música, do *pop* ao *reggae*, do *rock* ao *heavy metal*, alternam e dividem o palco em muitos eventos, abrindo espaços para o crescimento da cena. Por essa grande gama variável de gêneros, os sujeitos mais diversos são atraídos, o sentimento de identidade com o que ocorre ali é despertado, seja por seguir uma banda, pelo gosto musical, seja pelo consumo ofertado no local, novas amizades, ciclos e principalmente ao que é novo, ou seja, novos eventos com novas propostas, divergindo das festividades de forró que são um padrão da cidade.

Sobre a identidade social e comparação social, Turner (1975, p. 7) coloca que “Qualquer indivíduo define a si mesmo bem como outro em termos de sua localização dentro de um sistema de categorias sociais...”, ou seja, a identidade social só acontece quando o indivíduo se compara com outros indivíduos, grupos e/ou categorias sociais, colocando os valores, atributos vantajosos em comparação com outros grupos.

Nas minhas experiências enquanto músico, era notório a quantidade de pessoas de diversos *pedaços*. *Pedacão* é o “espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla do que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável do que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade.” MAGNANI (2005. p. 178). Tais sujeitos transitavam entre várias *manchas* que “são áreas contíguas do espaço urbano, dotadas de equipamentos que marcam seus limites e viabilizam – cada qual com sua especificidade, competindo ou complementando – uma atividade ou prática predominante.” MAGNANI (p. 178), assim, esses sujeitos saíam de um pedaço a outro, de uma mancha a outra. Um exemplo disso é quando um indivíduo que simpatiza com vários gêneros como o *reggae* e o forró estilizado⁹, ele transita por entre as duas cenas, existe um pouco de atrito nessa transição, pois o estigma é um grande vilão para a cena, como já é notório, qualquer variação dos padrões normativos o olhar sempre vem primeiro a julgar, “em diferentes sociedades e em diferentes eras o estigma é fruto do estranhamento inicial que acaba acarretando uma série de percepções negativas equivocadas”. (DAMASCENO, 2013).

Enquanto o estranho está à nossa frente, podem surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente de outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser incluído, sendo, até, de uma espécie menos desejável [...]. Assim deixamos de considerá-la criatura comum e total, reduzindo-a a uma pessoa estragada e diminuída. Tal característica é estigma, especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande [...] (GOFFMAN, 1988)

⁹ O forró eletrônico, forró estilizado é um subgênero do forró originado no início da década de 1990, que procura mesclar elementos tradicionais do forró com outros gêneros musicais.

ROCK, BANDAS E EVENTOS

Mamanguape não é diferente de outras cidades do interior da Paraíba, não havia e ainda não há tantos espaços públicos e privados para o desenvolvimento da cena, porém a própria cena enquanto movimento fez-se criar “bandas de garagem”, que segundo José Machado Pais (2006) “são assim designadas porque muitas delas aproveitam qualquer garagem ou barracão – frequentemente pertença dos pais de algum dos elementos da banda – para aí realizarem seus ensaios musicais.”, em entrevista com o Amarante Jr podemos ver questões sobre a dificuldade da cidade, vejamos:

Entrevista com Amarante em 15 de maio de 2019: É muito mais complicado você tentar seguir um projeto onde o espaço não deixa que ele se encaixe, por exemplo: por mais difícil que seja ter uma banda de *rock* em João Pessoa, lá você tem público, você tem mais motivação por ter mais lugares pra tocar, ficar aqui no interior da Paraíba, um local onde obviamente prevalece outros ritmos eu tenho certeza que a gente vai morrer e não vai ver esse universo mudar, só que sim, há espaço para as bandas de *rock*, houve sempre e sempre vai haver, e quanto mais o tempo passa isso vai ficar evidente.

Trechos da entrevista com Álvaro Costa, vocalista da Banda Ponto Letal sobre o que ele chama de limitações da cidade:

A mentalidade das pessoas em relação as músicas que nos tocávamos, não eram bem-vistos, não tinham eventos pra gente tocar, apenas o que a gente organizava e que o pessoal organizavam em outras cidades próximas, mas enfim, sempre foi muito difícil, não tinha remuneração, às vezes a gente tinha que pagar pra tocar... (entrevista, ÁLVARO, 2019)

O *rock* foi uma *cena musical* que se estabeleceu e evoluiu na cidade. O *pop* e o *rock* nacional sempre foram bastante atraentes ao público, mais fácil de digerir, pois as músicas eram em português. Os ritmos não eram tão pesados como podemos perceber ao escutar gêneros como *heavy metal*, *death metal*, *thrash metal*, que tinham vocais muito expressivos, que de certa forma causavam incômodo em muitas pessoas, assim dificultando o crescimento desses subgêneros do *rock*. Músicos como Danillo Wagner, 28 anos e bandas como Los Waggas, Plano Alto, D’gradê, Controle Remoto, Transagem, tomavam as rédeas. Estávamos buscando novos gêneros, novas propostas, o *rock* era uma área interessante, muitos não seguiram esse caminho, até mesmo a minha banda houve resistência, pois a musicalidade para consumo era uma e o que estávamos buscando era um caminho distinto. Eu e outros músicos começamos a buscar uma nova perspectiva para cena, algo que abrangesse mais do que já tínhamos na cidade,

praticamente uma nova cena, para novos e antigos apreciadores, assim surgia a ideia de um evento.

No ano de 2007 e 2008 começávamos a especular sobre a criação de um evento que abarcasse toda a demanda que estávamos querendo gerar, pois muitas bandas citadas chegaram ao fim e os membros criaram novos projetos voltados para o lado mais pesado do *rock*, bandas como: Projeto 1, *Mud Blood*, Ponto Letal, *Burn in The Horizon*, *Humanity of the Corrupt*

Eu, como outros membros sentiam necessidade de movimentar a cena musical na cidade, por vários anos buscamos concretizar o projeto, porém obtivemos êxito apenas em 2012, quando o Álvaro Costa e o Johnny executaram o primeiro Mamanguape *Rock Fest*. Tudo improvisado, o som utilizado no evento era de um antigo som automotivo¹⁰ desmontado. Não havia iluminação para o evento, não tínhamos orçamento para esses gastos. Fiquei encarregado da regulação do som, que eram duas mesas equalizadores de 4 canais interligadas, onde tínhamos apenas 6 vias para uso dos cabos, o espaço que sediou o evento foi o *Rotary Club*¹¹, localizado no centro da cidade de Mamanguape, apesar de todos os contratempos tudo ocorreu bem, o primeiro evento foi feito, não houve uma divulgação em massa, apenas verbalmente e através das redes sociais. O improviso foi tão grande que não nos preocupamos em realizar o registro em filmes e fotos, em outras palavras, não temos fotos ou qualquer imagem do evento, apenas um logotipo criado na época.

A partir daí, a meta era crescer. Em 2013 veio o segundo Mamanguape *Rock Fest*, agora com uma equipe de produção um pouco maior e mais organizada, eu, Álvaro Costa e o Amarante Jr, nos dedicamos e separamos todas as funções, nos baseando em eventos como o GRITO ROCK¹², que ocorria na cidade de João Pessoa. O evento ocorreu no mesmo ambiente do primeiro evento, o *Rotary Club*, uma antiga casa que era usada pelo *club*, lá existia um salão para festas onde ocorreu o primeiro e o segundo evento, uma cantina onde eram vendidas as bebidas e um espaço externo que era usado nos intervalos das bandas, pois o calor era absurdo dentro do ambiente, não era um lugar grande, porém era uma das únicas opções que tínhamos.

¹⁰ é o processo de instalação e ajustes de equipamentos de som em automóveis de passeio. Pode ser tanto um serviço comercial quanto um hobby de amadores.

¹¹ É uma associação de clubes de serviços cujo objetivo declarado é unir voluntários a fim de prestar serviços humanitários e promover valores éticos (expressos através da Prova Quádrupla) e a paz a nível internacional. Existem mais de 34 mil clubes Rotary no mundo, com cerca de 1,2 milhões de membros, chamados rotarianos.

¹² É um festival colaborativo realizado em centenas de localidades, entre fevereiro e março, anualmente. Em 2014, aconteceu em 400 cidades de 40 países. Teve sua primeira edição em 2003, por iniciativa do coletivo Espaço Cubo, na cidade de Cuiabá (MT), enquanto uma alternativa ao Carnaval. Com o surgimento do Circuito Fora do Eixo em 2006, passou a ser realizado de forma integrada a partir de 2007. Ano após ano, o número de cidades cresceu, o festival ampliou seu conceito estético - ao contemplar outros estilos e linguagens artísticas que não o rock e a música - e se transformou em uma plataforma de rede para incentivo à circulação de artistas e a democratização de tecnologias sociais na área da produção cultural.



IMAGEM 3 – 2º Mamanguape Rock Fest – Imagem durante o show.
Nessa foto conseguimos perceber uma roda punk, muito comum
nos eventos de rock.

FONTE: Acervo Particular David Filho

O evento começava a entrar nos moldes que estávamos planejando. Neste segundo evento havia uma banda que deixo em destaque, a *Burn in The Horizon*, criada a partir dos contatos gerados pelas pessoas que participaram do primeiro evento, junto com outras bandas, *Humanity of the corrupt* - Mamanguape, Trane -João Pessoa, Projeto 1 - Mamanguape e *Dream on Road* – Belém.

Não tínhamos noção do quanto o evento tinha ultrapassado as expectativas, muitas pessoas começavam a perguntar pelo evento, as cobranças nos incentivaram bastante, pois era justamente o que queríamos causar, isto é, a necessidade de consumo de eventos como este na cidade. Outros eventos começaram a ocorrer influenciados pelo MRF¹³, como o Sapé Rock Fest e o Lagoa de Dentro Rock Fest, que surpreendeu em sua segunda edição e contou com o apoio da prefeitura municipal da cidade além de outros patrocinadores.

Com o início da produção do terceiro evento do Mamanguape Rock Fest, tivemos a dimensão do quanto a cena musical mamanguapense tinha chegado longe. Mamanguape entrava para a rota dos circuitos de rock da paraíba, um marco para um evento que surgiu e se manteve sem a ajudas dos órgãos municipais e estaduais, sem o apoio dos comércios locais. O evento tomava rumos gigantescos, a cena na cidade chegava no seu boom, o público aumentou seu número movimentando até pessoas de outras regiões do estado, bandas do país inteiro se inscreviam¹⁴ para o evento, estávamos no meio de uma grande mudança, um novo ponto surgiu no circuito brasileiro.

¹³ Abreviação do Mamanguape Rock Fest.

¹⁴ Inscrições eram feitas através da rede social TNB – Toque no Brasil, onde se desenrolava a maiorias dos eventos e perfis de eventos e bandas. <http://tnb.art.br/>



IMAGEM 4 – Notícias sobre o evento pelo país.

FONTE: Acervo Particular David Filho

As bandas do gênero em sua maioria ofereciam seus shows gratuitamente, já que em grande parte, os eventos não possuem recursos para pagá-los. Fornecíamos lugares pra dormir, alimentação e as vezes ajuda de custo na gasolina para as bandas de locais mais distantes, porém nunca foi um problema, apesar de que a tentativa era sempre obter recursos para poder pagar de forma justa o trabalho.

A falta de apoio sempre foi um problema na execução dos eventos. Investimos dinheiro do nosso próprio bolso na esperança do retorno para ao menos custear o evento. Na 3ª edição, fizemos um investimento alto em equipamentos de som & iluminação e palco para trazer uma melhor experiência para as bandas e para o público. Importante salientar que parte do dinheiro era do próprio bolso e a outra parte era baseado nos possíveis lucros que entraria durante o evento.

Bandas de renome internacional estavam por vir em nosso palco. Zeferina Bomba, banda pessoense com milhares de shows pelo país e por outros países foi um dos ilustres convidados que passaram pelo evento, atraiu uma grande quantidade de fãs. Outra banda que também complementou o evento foi a Outona, banda pessoense que também tem um histórico pelo país, a *NewBand* banda campinense, também passou por nosso palco, banda de *Thrash Metal* revelação do país, passou por nosso evento com a turnê de norte a sul do Brasil.



IMAGEM 5 – Mamanguape Rock Fest 3

Fonte: Acervo Particular

Um detalhe sobre o 3º evento, a poucas semanas da data prevista para as atividades do evento, a responsável pelo lugar cancelou nosso acordo verbal, alegando que não queria festas como essa em seu espaço pois segundo ela, todas as festas com bandas que ocorreram lá¹⁵ sempre acabava em polícia. Tentei argumentar sobre nossos dados envolvendo os últimos eventos ocorridos, porém sem êxito. Buscamos alternativas, mas a data não cabia dentro da disponibilidade, foi quando meu pai ofereceu a pousada do leão, que era o negócio da família na época, para sediar o evento, então mudamos e o evento ocorreu perfeitamente, toda minha família ajudou na preparação e na execução do evento. Foi o evento mais elaborado que conseguimos produzir. O evento contava com equipe de segurança, conforme solicitado em acordo com a polícia militar, bombeiros civis e equipe técnica de som e luz. Ofícios e comunicados foram enviados para polícia militar, conselho tutelar e bombeiros, informando sobre a execução do evento.

Em sua 4ª edição o Mamanguape *rock fest* em 2015, novas bandas vieram a nossos palcos, *Terrible Force* e *Hard Trio* e duas já conhecidas bandas, *NEWBAND* e Ponto Letal. Desta vez o evento ocorreu no sombreiro¹⁶ e tivemos uma diversidade de público de várias localidades, Campina Grande, Baia da Traição, Rio Tinto, João Pessoa Guarabira, Belém, Cuité, Sapé, Mataraca, Jacaraú, Lagoa de Dentro, Pedro

¹⁵ Não citarei o lugar pois não recebi autorização para isso.

¹⁶ Antigo restaurante conhecido em toda a cidade, nos anos 90 era um dos mais bem frequentados da região

Régis e outros lugares, mais um vez a prova de que o evento chegava cada vez mais longe.

Infelizmente esse foi o último MRF que aconteceu. Eu e toda a organização decidimos mudar totalmente o gênero do evento, pois foi durante a organização que começamos a perceber que não estávamos abrangendo grande parte das bandas regionais em nossos eventos. Isso virou um problema para nós, em virtude de algumas reclamações que chegavam sobre o rumo que o evento tomava. Por isso buscamos uma forma de fazer algo maior e que abrangesse mais ritmos e gêneros musicais, foi quando surgiu a ideia do Mamanguape *Rock Fest Free*, um evento gratuito para todos, em que teríamos muitas atrações, como feiras culturais, mesas redondas, palestras e oficinas durante o dia e shows a noite. Porém para que isso ocorresse precisaríamos do apoio da prefeitura, já que teríamos uma grande movimentação de todas as áreas profissionais para a execução. Devido a alguns contratempos o evento foi sendo adiado, já que todos os lugares pautados para sediar o evento estavam em reforma pela prefeitura, o evento podia ser feito em outros lugares, porém como a ideia seria abranger o maior público possível então uma pausa foi dada para aguardar a conclusão e assim o MRF voltar, porém as praças selecionadas por nós antes da reforma não podiam mais ser usadas como palco para o evento, pois foram transformadas em praças voltadas para o para o lazer de crianças e idosos, área de musculação ao ar livre.

Devido ao tempo de espera decidimos criar o *BLUE HELL* evento de porte menor e com a mesma proposta, pois a cena estava mais uma vez parada, os bares alternativos fecharam suas portas, poucos eventos ocorriam e em um ato de buscar a estabilidade da cena o criamos.



IMAGEM 6 – Casa Azul

As bandas *Incarcehated* João Pessoa-PB, *Chernobyl* João Pessoa-PB e Ponto Letal Mamanguape-PB foram as atrações nesse evento, tivemos a ajuda da banda D'gradê em nome do Carlos, proprietário da marca, que nos cedeu o seu equipamento de som para o evento e o local que também foi doado para o evento pelo Leo Bandeira.

O *Blue Hell*, tomou esse nome pelo local cedido, a famosa casa azul, uma antiga associação localizada ao lado da praça São Pedro e São Paulo no centro da cidade de Mamanguape na praça da igreja matriz, a casa azul como é chamada pelos jovens por conta da sua forte coloração azul já foi palco de outros eventos de reggae, funk e baladas eletrônicas. A casa azul era pequena, porém era o ideal para eventos de pequeno porte, tinha sua estrutura física ainda dos anos 80 e sua localização era muito boa, pois ficava exatamente no centro da cidade.

Em sua idealização a meta era para que ele ocorresse a cada quatro meses e finalizando o ano com o MRF. Mas o evento aconteceu uma única vez, já que os recursos ficaram mais escassos para nós organizadores, e então ficamos à mercê de um acordo para a execução do MRF *free*, porém até os dias de hoje estamos ainda na tentativa de executá-lo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos que a cena musical alternativa é por diversos motivos a melhor das definições para o movimento cultural que ocorre na cidade, pois a grande quantidade de indivíduos que circulam por entre os eventos é imensamente diversa, e não há como delimitar as cenas sendo mais específicas durante esses eventos. Mesmo não tendo um público específico e delimitado, a identificação fica clara por meio de alguns fatores visuais, dando significado e sentimento de pertencimento do indivíduo para com a cena.

A cena e o espaço público podem ser observados e delimitados, mapeando todos os trajetos feitos pelos sujeitos que circulam pela mancha e pelos pedaços, levando a uma rota que não é só feita pelos indivíduos da cena, mas por uma gama imensa de pessoas que buscam sentido e apenas um lugar pra esvaziar a mente. A cena mamanguapense opera como uma montanha-russa, pois quando incentivada, o público se manifesta, o consumo cultural aumenta, demandando mais produção e assim influenciando mais pessoas e por consequências mais bandas ao surgimento ou

ressurgimento. O evento Mamanguape *rock fest* teve como intuito o resgate da cena, que para muitos tinha definhado a anos, a batalha para a execução dos eventos foi talvez o que mais nos motivou, pois nos sentimos no dever de propagar a cultura e dar aos indivíduos o sabor que é de fato ter uma cena ativa e viva dentro da cidade.

A luta pela manutenção da cena ainda existe nos dias de hoje. Poucas pessoas se movimentam para dar impulso a ela. Infelizmente a cena nos dias de hoje está adormecida, vários eventos ocorrem com uma perspectiva diferente sendo no âmbito privado, longe do que foi anteriormente, e então assim a cena volta à estaca zero, não ignorando os fatos passados, mas aguardando o próximo estímulo. A maioria das bandas foram desfeitas ou estão com seus projetos estagnados. Muitos músicos seguiram outros rumos, outras carreiras solos, fazendo shows em barzinhos ou shows particulares, sobrevivendo como podem, e isso vem se reproduzindo muito, gerando um novo público, uma nova geração de músicos. Alguns aguardando o retorno da cena, outros aproveitando as oportunidades que os espaços estão gerando atualmente. A cena caminhou de certa forma para um rumo que queríamos tomar, porém a manutenção exigiu muito mais do que estávamos acostumados a fazer, não é o resultado que queríamos, mas foi onde chegamos, uma pequena quantidade de sujeitos continuam com uma rotina baseada na cena alternativa, visitam os mesmos lugares, encontram as mesmas pessoas, ainda se apropriam dos espaços que agora foram ressignificados para um oferta de cena diferente.

REFERÊNCIAS

BITTERCOURT, João. Negociando Condutas: Estilo de vida dos Straightedge no Brasil e os discursos sobre a política e sexualidade. In: Caderno de Arte e Antropologia, vol. 5, nº1/2017 pag.53-69.

CANO, R. L.; OPAZO, U. S. C. Investigación artística en música: problemas, métodos, experiencias y modelos. Barcelona: Fonca-Esmuc, 2014.

CHACON, P.; O que é rock? Coleção Primeiros Passos nº 68. Editora Brasiliense. 1985.

DAMASCENO, Amanda. O estigma na visão de Ervin Goffman e o princípio da igualdade. 2013 Disponível em: <https://www.boletimjuridico.com.br/doutrina/artigo/2996/o-estigma-visao-ervin-goffman-principio-igualdade>

FORTIN, Sylvei. Contribuições possíveis da etnografia e da auto-etnografia para a pesquisa na prática artística. 2009. in: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Revista Cena, n. 7, 2009.

GEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GOFFMAN, E. Estigma – notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988.

HEIDER, Karl G. What Do People Do? Dani Auto-Ethnography. Journal of Anthropological Research, vol. 31, n. 1, p. 3-17, 1975.

LEITE, Rogério Proença. Localizando o espaço público: Gentrification e cultura urbana. In Revista Crítica de Ciências Sociais. nº 83, p. 35-84, 2008

MACHADO, J. Bandas de garagem e identidade juvenis. In: Sociabilidade juvenil e cultura urbana. 3. Ed. São Paulo: PUC, 2006. cap.3, p.29-53.

MAGNANI, J. G. C.; De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. RBCS Vol. 17 nº 49. 2002.

_____, J G. C.; Os circuitos dos jovens urbanos. Tempo social, revista de sociologia USP, v. 17, n. 2. p. 173-205

_____, J. G. (1992). Da periferia ao centro: pedaços & trajetos. Revista De

Antropologia, 35, 191-203. <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.1992.111360>

MALINOWSKI, Bronislaw. (1998 [1922]), "Argonautas do Pacífico Ocidental". *Os Pensadores*, São Paulo, Abril Cultural.

MUGGIATI, R. Rock: o grito e o mito. 1973. In: TINTI, S. P. M.; História do Rock. Clube do Rock Brasil. [2003]. Disponível em: <<http://www.clubrock.com.br/news/historiadorock.htm>> Acesso em: 23 de maio de 2016.

SHANK, B. Dissonant identities: The rock'n'roll scene in Austin, Texas. Hanover. 1994

STRAW, Will. Systems of Articulation, Logics of change: Scenes and Communication in Popular Music. *Cultural Studies*. Vol 5, n. 3 (Oct. 1991)

_____, will. Cenas Culturais e as Consequências imprevistas das políticas públicas. In: *Cenas Musicais*. Ed. Anadarco, São Paulo. 2013

TAJFEL, H. (1978). *Differentiation between social groups*. Londres: Academic Press.

TELLA, Marco. Ações e Práticas culturais juvenis: Apropriações de espaços públicos em João Pessoa. In: *Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional*. G&DR v. 14, nº 4 p. 180-198, São Paulo. 2018.

TURNER, J. C. (1975). Social comparison and social identity: Some prospects for intergroup behaviour. *European Journal of Social Psychology*

VELHO, G. Observando o familiar. In: VELHO, G. *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.